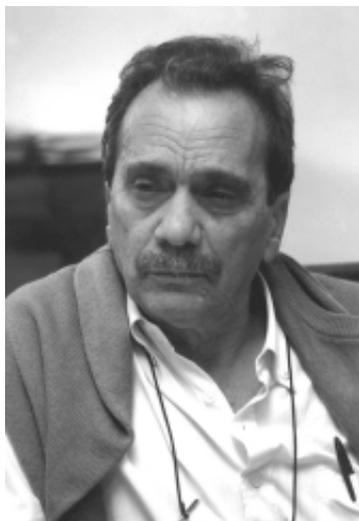


MEMÓRIAS DO ENCANTAMENTO DE VILANOVA ARTIGAS

JÚLIO ROBERTO KATINSKY



Este ano, Artigas completaria 90 anos de idade. E, também 20 anos de sua morte. Nestes anos, surgiram mais livros sobre o arquiteto paulistano, sobre suas obras, que de qualquer outro arquiteto brasileiro, com exceção de Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Atualmente, a exposição de suas obras principais, realizada há alguns anos pelo Instituto Tomie Ohtake, encontra-se no Politécnico de Milão, Itália. Eu me arriscaria mesmo a dizer que enquanto muitos arquitetos valiosos seus contemporâneos encontram-se já pendurados na Galeria dos Valores Históricos, Artigas parece, por seus discípulos, presente e discutido como se estivesse ainda entre nós. Como se explica isso, se, em primeiro lugar, nem mesmo nascido aqui ele era, não era descendente de famílias tradicionais, como Icaro de Castro Mello ou Kneese de Mello, ou da nova aristocracia monetária como Warchavchik ou Oswaldo Bratke? Seu gênio difícil, não era de molde a fazer amigos com facilidade.

Uma primeira qualidade que Artigas, como professor, sempre demonstrou por atos e palavras, foi um respeito muito explícito pelos esforços criativos e críticos de seus alunos, tratando-os sempre como iguais. Quando fui seu aluno, em 1953, ele proibia que o chamássemos de “senhor”. Tinha de ser “você”. Aquilo que parecia ser mera “atitude”, na verdade, respondia a instâncias profundas de sua visão de mundo. Lembro-me bem de sua angústia, visível em uma sessão na faculdade, quando foi chamado para um debate por uma equipe perdedora, em concurso organizado entre estudantes para uma colônia de férias (1955). Apesar de ele ser agredido pelas equipes que tinham perdido, o arquiteto não

perdeu o respeito por seus jovens (e tolos) questionadores. Aliás, foi o único membro a responder a todas as perguntas, algumas bem maliciosas.

Quando eu era estudante, na época em que considero que éramos mais próximos, ideológica e afetivamente, participei de um concurso de estudantes, do qual Artigas era o presidente do júri. Após um prolongado processo tumultuado e terminado, falou-me espontaneamente que muito apreciara eu nunca ter tocado nos assuntos do concurso durante todo o período. Na época não dei importância maior, pois minha atitude era mera consequência da rigidez ética transmitida em casa. Hoje, entretanto, penso que esse era um dos traços de caráter mais característicos seus, do mestre. Não havia “justificação sociológica” nem “casuística dialética” que iria desculpar um comportamento inadequado. Ou, em outras palavras, por mais que pudessem ser explicados os comportamentos por meio das “ciências humanas”, a ética se sobrepunha a tudo: a ética era um imperativo. Durante todos esses anos, poucos mostraram essa inteireza de um compromisso pessoal irredutível de caráter. Em São Paulo, entre os arquitetos, menos ainda.

Anos mais tarde, eu estava trabalhando em seu escritório, e, em uma tarde, ele apareceu com o cartaz vencedor de uma das bienais de arte de São Paulo, em trabalho estritamente gráfico, e percebia-se seu indisfarçado júbilo ao comentar que ele tinha feito muita força para premiar esse trabalho. Passados quase 50 anos, esse cartaz ainda se sustenta como uma contribuição à arte gráfica entre nós.

Mas essa qualidade não o distingue de outros colegas seus de geração. Oswaldo Correa Gonçalves também tinha a mesma postura (e a tentação seria atribuir às idéias progressistas de ambos), e mais alguns poucos arquitetos em São Paulo também se distinguiam: Oswaldo Arthur Bratke, por exemplo, amparou muitos artistas em seus inícios, inclusive o próprio Artigas, assim como, parece-me, o arquiteto Warchavchik.

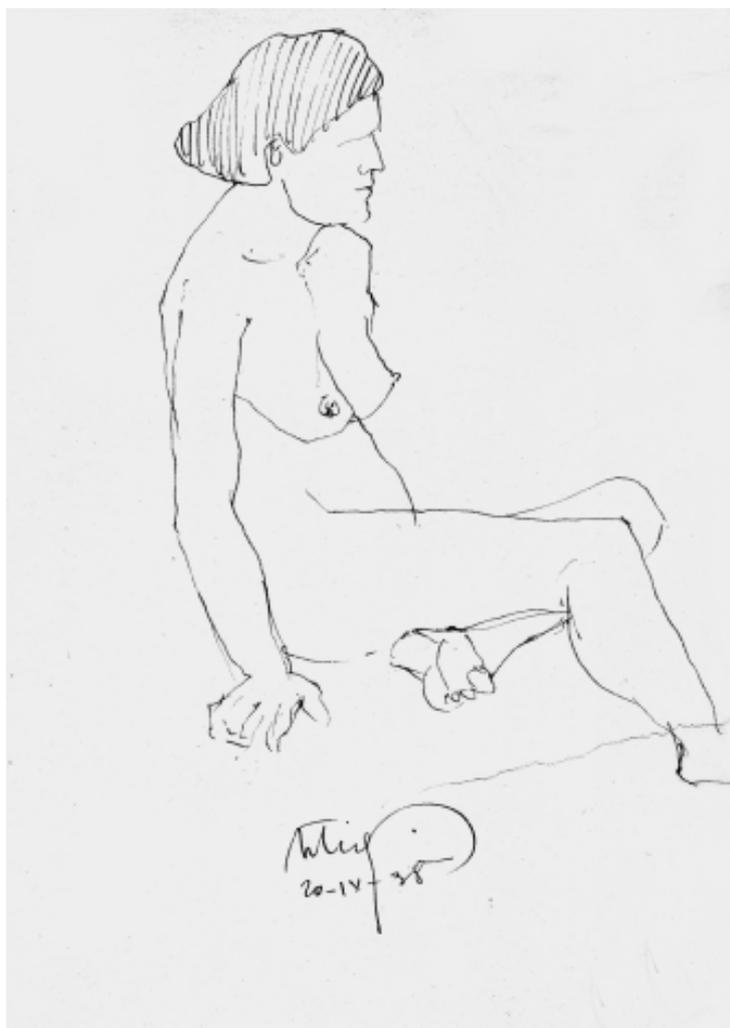
Essas décadas de 40, 50 e 60 do século passado foram um período no qual a atividade artística tinha descido do Olímpo divino e milagroso, tornando-se uma atividade humana entre humanos, em São Paulo.

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, em seu arquivo de documentos de arte e arquitetura brasileira, junto da Biblioteca, recebeu em doação o acervo de obras do arquiteto, tendo procedido à sua proteção e catalogação. Entretanto, esse acervo, por informações que me chegaram, está ainda longe de estar completo. Faltam inúmeros estudos e projetos, principalmente do período inicial de sua carreira.

Segundo uma observação do próprio Artigas, uma data marcante, em sua vida profissional, foi quando se separou de Marone, em 1944. Poderíamos, então, dividir sua trajetória artística em três períodos. O primeiro, quando entrou na Escola Politécnica, até 1944, quando, em suas palavras, “*decidiu só projetar de acordo com suas convicções*”, ou seja, o oposto do comportamento corrente em São Paulo, que consistia em atender aos desejos figurativos dos clientes.

Esse período, mesmo assim, deve ter sido de um intenso aprendizado, tanto na Escola

Desenho de João Vilanova Artigas, sessão de "modelo vivo" realizado na época do Grupo Santa Helena c. 1940 Coleção Rosa Artigas

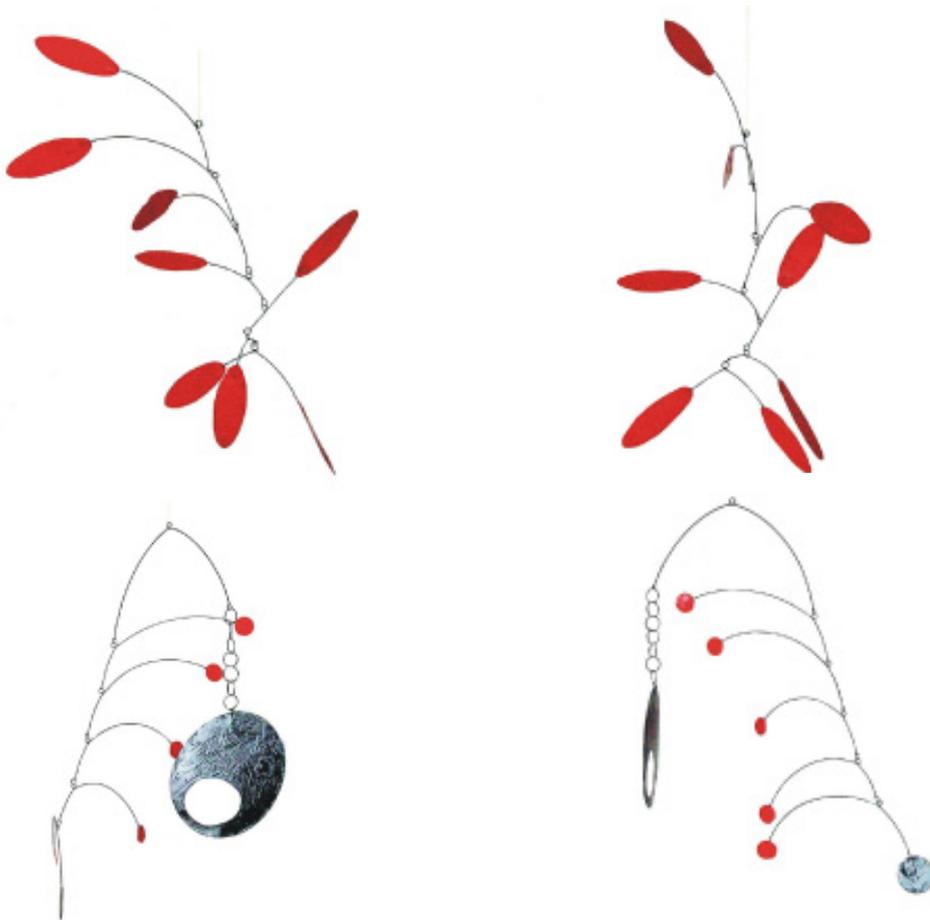


Desenho de João Vilanova Artigas, realizado em sessão de "modelo vivo", década de 70 Acervo da Biblioteca da FAUUSP – Coleção Rosa Artigas





Desenho de João Vilanova Artigas, realizado em sessão de "modelo vivo", década de 70
Acervo da Biblioteca da FAUUSP – Coleção Rosa Artigas



Móviles de João Vilanova Artigas, realizados na década de 70

Politécnica quanto no escritório de Osvaldo Bratke, que sempre manteve um enternecido cuidado por seu jovem estagiário, durante toda sua vida, como já deixei registrado em outro lugar. Mas nessa época, seu empenho e dedicação à arquitetura deveria ser notório, pois já em 1940, o professor Anhaia Mello, na época um dos mais prestigiosos professores da Escola Politécnica, convidava-o para seu assistente. É dessa época também seu projeto para o Paço Municipal (em colaboração com o arquiteto Warchavchik), e seu relacionamento com os arquitetos Miguel Forte e Jacob Ruchti que, provavelmente, colocaram-no em contato com a arquitetura americana e em especial Frank Lloyd Wright, Richard Neutra. Todas essas afirmações resultam de observações marginais de Artigas, pois ele nunca fez depoimentos sobre seus primeiros anos de juventude. Talvez porque, inconscientemente, Artigas se considerava um autodidata. De fato, assim poderíamos considerá-lo, quanto às suas exigências estéticas, insatisfeito com a estética politécnica atestada por sua aproximação ao grupo do (edifício) Santa Helena, artistas plásticos aos quais Artigas foi fiel até o fim de sua vida.

Também 1944 deve ter sido o ano em que Artigas travou conhecimento com os arquitetos brasileiros, discípulos de Lucio Costa e Le Corbusier, Oscar Niemeyer, Affonso E. Reidy e os irmãos MMM Roberto.

Quando fomos conhecer Artigas (a minha geração), este já era professor na FAUUSP recém-fundada, cujo acervo arquitetônico constituía-se dos projetos de Londrina, algumas casas wrightianas, a Casa Fachada na Praça do Patriarca, algumas casas “cubistas”, o edifício Louveira e o estádio do São Paulo Futebol Clube no Morumbi.

Em 1952, devido à sua adesão às idéias veiculadas pelo Partido Comunista Brasileiro sobre a cultura adequada ao povo e sua já vasta experiência construtiva (quase 20 anos) e cultura arquitetônica, Artigas se sentiu paralisado. De fato, entre duas lealdades igualmente impositivas, Artigas parou de projetar durante quatro anos. Hoje, podemos acompanhar esse duro processo: no primeiro período, e de acordo com uma postura eclética típica da época, Artigas tinha experimentado todos os caminhos: pude ver desenhos neogóticos para o concurso de uma igreja protestante, atribuídos a Artigas, efetivamente construída na rua Dronsfield, na Lapa, e outros

projetos, esses existentes na Biblioteca da FAU. Por todos esses projetos e desenhos, pelo que me falou, deduzo que, mesmo em sua época “eclética”, ele os usou para penetrar mais fundo em todas aquelas configurações as quais eram, para ele, oportunidades de amadurecimento. Assim, fez arquiteturas à maneira de arquiteturas americanas (art-déco), neocolonial, “neovernacular”, Bratke, Piacentini, Wright, Gropius, Breuer, um pouco Le Corbusier, Oscar Niemeyer, e mesmo penso que o tratamento acústico com fasquias de madeira nas paredes laterais do cinema Ouro Verde, em Londrina, aproximam esse tratamento às soluções caras a Alvar Aalto.

Parece-me que a proposta soviética de arquitetura, então apresentada como adequada a uma cultura libertária dos povos do mundo, deveria aparecer aos seus olhos como um retrocesso.

Penso que foi o informe do primeiro ministro soviético Nikita Kruchov sobre a indústria da construção, em 1956, em que ele condenava aquela arquitetura de “bolo de noiva”, como a chamávamos, e o chamado “relatório secreto”, foram os elementos que livraram o arquiteto dessa camisa-de-força. Mas não se pense que Artigas ficou parado nesses anos: além de detalhar projetos executivos assumidos anteriormente, continuou estudando apaixonadamente. Lembro-me de tê-lo encontrado na rua, próximo à Escola Caetano de Campos, na Praça da República, em um sábado, após um agradável almoço com meu caro amigo Carlos Pinto Alves, em 1954, Artigas estava com um livrinho em alemão sobre construção de madeira. Diante de meu entusiasmo, o professor explicou que estava estudando as construções de imigrantes alemães do Sul do Brasil. Mas depois de uma pausa insistiu para que estudássemos as contribuições soviéticas. Esses estudos de arquitetura vernacular foram filtrados e utilizados, anos mais tarde na casa Baeta, em 1956, e nas “interpretações” dos lambrequins, em casas posteriores como a residência Berquó.

Mas acredito que a retomada plena ocorreu com o “Plano de Ação” do íntegro governador Carvalho Pinto, quando Artigas se apoiou, para os projetos do ginásio de Itanhaem e de Guarulhos, nos pórticos de Reidy para o Grupo Escolar de Assunção (este particularmente mereceu comentários em aula) e o MAM do Rio de Janeiro, bem como as “cariátides” do Palácio da Alvorada

(foi Artigas que, em primeiro lugar em 1956, chamou-me a atenção para essa analogia – proximidade). Muitos jovens colegas acreditavam, em 1957, que o arquiteto já era coisa do passado, principalmente depois que ele perdeu o concurso para o Ginásio do Clube Paulistano para o arquiteto Paulo Mendes da Rocha. Ledo engano! Artigas só fez crescer em volume e qualidade nesse terceiro período, colocando, mesmo na sombra, seus dois períodos anteriores.

Penso que o encantamento pela obra de Artigas nasce da totalidade de sua dedicação à “arquitetura”, entendida também como o ambiente que o homem constrói, em qualquer circunstância.

Seu compromisso com a arquitetura é grifado pela paixão, e, como o “operário em construção” de Vinicius de Moraes, reconhece-se em qualquer coisa que fizesse, fosse um comentário sobre trabalho escolar, desenho ou projeto. Seus desenhos, ao longo de mais quatro décadas, mostram que sua atividade sempre foi “work in progress”, como queria James Joyce. Quando seus netos cresceram, fez para eles “móviles” e “maquetes” os quais, como exercício lúdico, são também obras de arte. Há alguns anos, convidei alguns arquitetos a participar de uma exposição, como seus discípulos, alguns que nunca conheceram pessoalmente o arquiteto. Independente das omissões involuntárias, mas inerentes a qualquer proposta desse tipo, principalmente por ser a primeira, não me arrependo de ter convidado esses jovens artistas,

pois são seus discípulos, não aqueles que fazem aquilo que ele fazia, mas aqueles que fazem como ele fazia: atravessada a dura crosta superficial em suas obras, encontramos como em Lina, também sua discípula, uma essencial ternura pela condição humana.

É o que exprimiu o poeta renascentista, ao descrever da maneira mais completa em nossa língua, o amor cristão e sua transfiguração (que ele praticou sempre), descreveu, enlevado, a transubstanciação da matéria pela arte que aqui apresento para encerrar esta memória:

Soneto 96

Transforma-se o amador na coisa amada,
Por virtude do muito imaginar;
Não tenho, logo, mais que desejar,
Pois em mim tenho a parte desejada.

Se nela está minha alma transformada,
Que mais deseja o corpo de alcançar?
Em si somente pode descansar,
Pois consigo tal alma está liada.

Se esta linda e pura semideia
Que, como o acidente em seu sujeito
Assim com alma minha se conforma,

Está no pensamento como idéia;
E vivo e puro amor de que sou feito,
Como a matéria simples busca a forma.

Luís Vaz de Camões

Júlio Roberto Katinsky

Professor titular do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, professor orientador do curso de pós-graduação e ex-diretor da FAUUSP.